

Certa feita, enunciou Oscar Wilde que a arte de dar conselhos consiste em indicarmos para os outros aquilo de que mais carecemos. Não incidiríamos, depois da morte, pelo menos nós, os pecadores confessos, em erro semelhante.

Busquemos todos o Conselheiro Divino.

Conjuguemos com Ele os verbos orar e vigiar, perdoar e amar, ajudar e servir. Iniciemos a tarefa pelos irmãos incompreensivos mais próximos.

A época da revelação espiritual, por entre laboratórios e gabinetes de pesquisa, deve ter passado para os estudiosos leais, que procuram a luz. A atualidade pede recolhimento no próprio ser. A mente necessita centralizar-se, a fim de sentir a claridade sublime do Alto, na intimidade da consciência.

Ai dos que não dominarem o corcel da imaginação na corrida que a civilização moderna improvisou para a morte!...

Se os aprendizes do mundo permanecem, efetivamente, à espera de orientação, por parte daqueles que os precederam na grande jornada, ouçam nosso apelo: Recorramos a Jesus, não só no título de Salvador Glorioso da Humanidade, mas também na condição de Mestre para a nossa experiência individual. Quantos estiverem entediados da exibição de "compridas túnicas" da extravagância, entre os fariseus de todos os tempos, voltem conosco à simplicidade original. Lavemos o pensamento nas fontes cristalinas da Verdade. Façamo-nos crianças e, buscando o Eterno Amigo, supliquemos a Ele com sinceridade infantil:

— Senhor, ouvimos-Te a palavra, quando chamavas os pequeninos. Ensina-nos a caminhar, a servir e a viver!...

E estejamos convictos de que o Guia dos Séculos nos tomará as mãos frágeis, sereno e acolhedor, para conduzir-nos através dos vales da sombra e da morte", onde, em companhia d'Ele, "não temeremos mal algum".

IX

APONTAMENTOS DO ANCIÃO

Em face dos aborrecimentos que lhe fustigavam o espírito, ante a opinião pública a desvairar-se em torno de sua memória, humilde "jornalista morto" ouviu sereno ancião, que lhe falou com sabedoria:

— "Quando Jesus transformou a água em vinho, nas bodas de Caná, os maledicentes cochicharam, em derredor:

— Que é isto? um messias, incentivando a embriaguez?

Mais tarde, em se reunindo aos pescadores da Galileia, a turba anotou, inconsciente:

— E' um vagabundo em busca de pessoas tão desclassificadas quanto ele mesmo. Porque não procura os principais?

Logo às primeiras pregações, a chusma dos ignorantes, ao invés de reconhecer os beneficiários da Palavra Divina, comentou, irreverente:

— E' insubmisso. Vive sem horários, sem disciplinas de serviço.

À vista da multiplicação dos pães e dos peixes, a massa não se comoveu quanto seria de esperar. Muita gente perguntou, franzindo sobrancelhas:

— Como? um orientador sustentando ociosos?

Limpando as feridas de alguns lázaros que o buscavam, afirmou-se, em surdina:

— Vale-se da insensatez dos tolos para impressionar!

E quando o viram curar um paralítico, no sábado, consideraram os inimigos gratuitos:

— Agride publicamente a lei.

Por aceitar a consideração afetuosa de Maria de Magdala, murmuraram os maledicentes:

— E' desordeiro comum. Não consegue nem mesmo afivelar a máscara ao próprio rosto, dando-se à companhia de vil criatura, portadora de sete demônios.

Ao valer-se da contribuição de nobres senhoras, qual Joana de Cusa, no desdobramento do apostolado, soavam exclamações como estas:

— E' um explorador de mulheres piedosas! Vive do dinheiro dos ricos, embora passe por virtuoso!

— Porque se demorasse alguns minutos, junto de publicanos pecadores, a fim de ensinar-lhes a ciência de renovação íntima, acusavam-no, sem compaixão:

— E' um gozador da vida como os outros!

Se buscava paisagens silenciosas para o reconvito na oração, gritava-se com desrespeito:

— Este é um salvador solitário, orgulhoso demais para ombrear com o povo.

Como se aproximasse da samaritana, com o propósito de socorrer-lhe a alma, indagou-se com malícia:

— Que faz ele em companhia de mulher que já pertenceu a vários maridos?

Atendendo às súplicas de um centurião cheio de fé, a leviandade intrigou:

— E' um adulator de romanos desbriados.

Visitando Zaquê, escutou apontamentos irônicos:

— E' um pregador do Céu que se garante com os poderosos senhores da Terra...

Abraçando o cego de Jericó, registou a inquirição que se fazia ao redor de seus passos:

— Que motivos o prendem a tanta gente imunda?

Penetrando Jerusalém, no dia festivo, e, impossibilitado de impedir o regozijo de quantos confiavam em seu ministério, afrontou sentenças sarcásticas:

— Fora com o revolucionário! Morte ao falso profeta!...

Censurando o baixo comercialismo do grande Templo de Salomão, dele disseram abertamente:

— E' criminoso perseguidor de Moisés.

Levantando Lázaro no sepulcro, gritavam não longe:

— E' Satanás em pessoa!...

Reunindo os companheiros na última ceia, para as despedidas, e, lavando-lhes os pés, observaram nas vizinhanças do cenáculo:

— E' pobre demente.

Ao se deixar prender sem resistência, objetou a multidão:

— E' covarde! comprometeu a muitos e foge sem reação!

Recebendo o madeiro, berraram-lhe aos ouvidos:

— Desertor! pagarás teus crimes!

No martírio supremo, era apostrofado sem comiseração:

— Feiticeiro! de onde virão teus defensores?

Torturado, em plena agonia, ouviu de bocas inúmeras:

— Salva a ti mesmo e desce da cruz!

E antes que o cadáver viesse para os braços maternos, trêmulos de angústia, muita gente regressou do Gólgota, murmurando:

— Teve o fim que merecia, entre ladrões.

O velhinho fez intervalo expressivo e ajuntou:

— Como sabe, isto aconteceu com Jesus-Cristo, o Divino Governador Espiritual do Planeta.

Sorriu, afável, e rematou:

— Endividados como somos, que devemos aguardar, por nossa vez, das multidões da Terra?

Foi, então, que vi o pobre escritor desencarnado exibir uma careta de alegria, que se degenerou em cristalina e saborosa gargalhada...